



Jesus e as finanças modernas: notas sobre a parábola dos talentos

Paulo Tiago Cardoso Campos¹

Resumo: O texto pretende comentar a Parábola dos Talentos à luz de conceitos centrais das finanças modernas. Trata-se de uma enigmática parábola, que contém espaço para diversas interpretações. Ela também ilustra conceitos financeiros, tais como, a relação agente-principal, a aversão ou não ao risco, a noção de valor econômico e valor temporal do dinheiro, e conceitos contábil-financeiros como a prestação de contas (accountability) e evidenciação (disclosure). Todos eles são centrais nas finanças modernas e, de algum modo, acham-se na parábola aqui considerada.

Palavras-chaves: Parábola dos Talentos; finanças; valor econômico; dinheiro; prestação de contas; evidenciação.

Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, che-

¹ Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: paulotccampos@gmail.com.

gando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste. E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei? Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os Talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. (Mateus 25, 14-30)

O objetivo da presente nota é comentar a Parábola dos Talentos à luz de conceitos centrais das finanças modernas. Trata-se de uma enigmática parábola, que contém espaço para diversas interpretações. Também ilustra, a nosso juízo, conceitos financeiros, como, por exemplo, a relação agente-principal, a aversão ou não ao risco, a noção de valor econômico e valor temporal do dinheiro, e conceitos contábeis-financeiros como a prestação de contas (*accountability*) e evidenciação (*disclosure*); todos eles são centrais nas finanças modernas, e em nosso entendimento de algum modo acham-se presentes na parábola.²

Um primeiro aspecto é que, segundo a parábola, um senhor ausenta-se temporariamente (o motivo não é revelado) e confia seus bens aos seus servos, a fim de que estes os administrem. Essa entrega temporária dos bens aos servos vai ao encontro da divisão entre propriedade (*principal*) e administração (*agent*), tal como é tratada na moderna teoria financeira. Segundo essa divisão, referida na teoria dos contratos aplicada à empresa, contempla, como um dos direitos contratuais, o direito de propriedade sobre os ativos e o fluxo de caixa da moderna empresa (conforme artigo clássico de Jensen & Meckling, 1976). No caso da parábola, o dito direito diz respeito aos ativos e o fluxo de caixa do senhor que viajou temporariamente (vale dizer, na teoria financeira, tal separação entre propriedade e gestão não necessariamente é temporária). Na teoria dos contratos, supõe-se que os administradores e proprietários possuem interesses distintos, e em face disso há custos de monitoramento e de pagamento de incentivos (salários, participações nos resultados, auditoria externa), ambos incorridos pelos proprietários, a fim de que os objetivos gerenciais dos administradores sejam convergentes com os dos proprietários. O controle dos administradores por parte dos proprietários inclui avaliação de desempenho e escolha deles por parte do conselho de administração da moder-

.....
² Para examinar quanto à visão religiosa sobre a riqueza material ao longo da história, ver Backhouse (2007).

na empresa (Ross, Westerfield & Jaffe, 2002). Esses custos, no âmbito da parábola, não são claramente explicitados, talvez mesmo sejam desnecessários para o que a parábola procura transmitir, em termos de mensagem espiritual. De qualquer forma, esse ponto específico fica destacado na análise da parábola aqui proposta.

Embora as modernas finanças incorporem suposição de comportamento egoístico, conforme assinalado acima (isto é, tanto *agents* quanto *principals* agem em conformidade com os seus interesses), nenhum comentário a esse respeito está explícito na fala de Jesus, na parábola. A teoria dos contratos aplicada à empresa incorpora a separação entre propriedade e administração, com a conseqüente divergência de interesses entre esses dois lados. Esse aspecto vai ao encontro da típica moderna separação entre a vida pessoal e profissional e entre a fé religiosa e outros aspectos da vida humana, produtos tipicamente modernos. Com efeito, em que pese o fato de o que fora tratado acima não estar presente na fala de Jesus, a primeira frase da parábola remete a essa complexa relação entre propriedade e administração, a qual está contemplada nos conceitos financeiros referidos acima.

Outro ponto é que a parábola trata de um *senhor*, um proprietário, e não de uma empresa; no entanto, o contexto da parábola pode ser visto como o de uma pessoa dotada de riqueza que transfere temporariamente a administração a terceiros (os servos), e isso sim vem ao encontro de se poder entender o contexto da parábola como o de uma empresa marcada pela relação agente-principal, acima referida.³

Outro ponto que chama a atenção, inicialmente, na parábola, é a distribuição inicial de ativos (dotação inicial de riqueza). O critério adotado para essa distribuição, por parte do senhor, é a *capacidade* de cada um dos servos, sendo que ao primeiro servo coube cinco talentos (150% a mais que o segundo servo, e cinco vezes mais que o terceiro servo), ao segundo dois talentos (o dobro do terceiro servo), e finalmente ao terceiro servo coube um talento. Destaca-se a assimetria na distribuição inicial, sugerindo que diferenças de dotações iniciais são muito sensíveis à capacidade dos servos, no contexto da parábola.

Sobre o que seja *talento*, entende-se que representa qualquer forma de riqueza inicial, isto é, esse termo pode ser entendido como talento criativo (capacidade de inovação, por exemplo), capacidade produtiva ou qualquer outra forma de dotação inicial de riqueza ou ativo, sendo este último termo entendido como qualquer recurso que gera um fluxo futuro de benefícios, como serviços ou dinheiro. Em suma, talento parece significar uma forma de riqueza inicial, expressa ou não em moeda, que gera mais riqueza futura. Conforme Bíblia (b) (2007, p. 1234, nota), 1 talento é 33 quilos de ouro.

.....
³ Basta ver o conceito de *azienda*, traduzido para o português como *fazenda* e para o espanhol como *hacienda*. Originariamente, *azienda* significa um conjunto de recursos materiais e humanos destinados a atingir um objetivo. Assim, uma empresa é uma *azienda*, assim como uma instituição de caridade, um alfaiate, um governo, um hospital e assim por diante (ver Lopes de Sá & Lopes de Sá, 1998).

Um segundo aspecto da parábola refere-se ao fato de que os dois primeiros servos fizeram aplicações com os talentos recebidos do senhor e dobraram a riqueza inicial recebida. Isto é, ao longo do tempo em que o senhor esteve no estrangeiro, os dois primeiros servos produziram uma taxa de retorno nominal de 100%, comparativamente aos recursos iniciais recebidos, os talentos. No entanto, o terceiro servo, que pode ser considerado um caso de *aversão ao risco*, manteve intacto talento inicial recebido, pois enterrou-o a fim de não perdê-lo. Preferiu conservar e garantir o que recebeu do senhor e não correr riscos na atividade de procurar multiplicar a riqueza inicial.

Tipicamente, pessoas avessas ao risco – como o terceiro servo (talvez um caso extremo de aversão ao risco) – preferem um retorno garantido a um emprego arriscado de recursos com o mesmo retorno esperado (Pindyck & Rubinfeld, 2010).⁴ Dizemos que uma pessoa com comportamento avesso ao risco prefere resultados em termos de retorno mais previsíveis: em vez de aplicar o talento recebido e arriscar ganhar ou perder, o terceiro servo preferiu garantir o próprio talento recebido, ignorando possibilidades de ganhos e portanto de multiplicação do talento inicial. Não aventou nem mesmo emprestar aos banqueiros – como no final da parábola o senhor assinala – e garantir um mínimo de remuneração em acréscimo ao talento recebido. Para as pessoas avessas ao risco, evitar perdas é mais importante do que obter ganhos⁵. Eis porque dizemos que se trata de um caso extremo de aversão ao risco.

A condenação do comportamento do terceiro servo é destacada na parábola, enquanto que o dos dois primeiros é elogiado. Estes podem ser vistos como neutros ao risco ou amantes do risco (não há elementos suficientes para avaliação quanto a riscos, para os dois primeiros servos). *Neutralidade em relação ao risco* significa indiferença entre receber um retorno garantido ou um retorno incerto que apresente o mesmo retorno esperado. Ao passo que uma pessoa *amante ao risco* prefere um retorno incerto a um retorno garantido, mesmo que o retorno esperado incerto seja menor do que o retorno esperado certo. É curioso que os dois primeiros servos não são facilmente sondáveis em termos de preferência em relação ao risco, mas o terceiro servo é fortemente destacado em relação à sua atitude de enterrar o talento e procurar com isso *garantí-lo*.

O terceiro aspecto a destacar é que os dois primeiros servos geraram valor econômico com o uso dos talentos, enquanto que o terceiro servo, não. Isso quer dizer que, ao aplicar os talentos e obterem retorno nominal de 100% em relação aos talentos recebidos inicialmente, os dois primeiros servos aumentaram a riqueza mais do que se a tivessem emprestado aos

.....
⁴ Para ilustrar, digamos que uma pessoa tenha a chance de aplicar recursos com probabilidade de 0,75 de ter retorno de 20% e 0,25 de obter 2%. O retorno esperado é de $15,5\% = 0,75 \cdot 20\% + 0,25 \cdot 2\%$. Note, no entanto, que a amplitude de ganhar mínimo de 2% ou máximo 20% é de 10 vezes. Uma pessoa avessa ao risco preferiria uma alternativa de aplicação de recursos (isto é, ativos) que rendesse um retorno garantido, ainda que mais baixo, e não estar sujeito a riscos de ganhar muito, ou ganhar pouco, ou ter perdas.

⁵ Investidores avessos ao risco requerem retorno esperado mais alto para suas aplicações para se compensarem dos riscos mais altos.

banqueiros e obtido juros (ao final da parábola o senhor toca nesse assunto). Esses juros representam um ganho básico, de mercado, que os talentos gerariam ao seu proprietário, algo que o terceiro servo nem fez. A não aplicação do talento conferido ao terceiro servo, isto é, o fato de ele nem mesmo tê-lo emprestado aos banqueiros, despertou no senhor de terras um sentimento de censura e reprovação. No versículo 27, o senhor afirma: “Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com [pelo menos] os juros.” Se tivesse emprestado aos banqueiros, o terceiro servo teria gerado valor econômico zero, mas teria feito algo minimamente aprovável com o talento que lhe foi conferido. Ou seja, como gerar *valor econômico* é obter retorno maior do que aquele que seria obtido numa aplicação alternativa da riqueza (no caso, emprestar aos banqueiros), na ausência de informação adicional, resta concluir que os dois primeiros servos produziram valor econômico com os talentos, enquanto que o terceiro servo não. Isso vai ao encontro de um princípio básico das finanças modernas, segundo o qual faz sentido aplicar recursos em atividades que sejam tão atraentes quanto os mercados financeiros, pois se tais atividades (ou alternativas) não o forem, as pessoas poderiam simplesmente recorrer aos mercados financeiros, em vez de aplicar em tais atividades (Ross, Westerfield & Jaffe, 2002). Esse ponto também ilustra a noção básica de finanças, que é a de valor temporal do dinheiro. Não aplicar os recursos é gerar perdas que são medidas pelo retorno de que se abre mão de obter com eles; e aplicá-los de forma a obter com eles retorno excedente a um retorno básico (como emprestar aos banqueiros, no caso da parábola) é gerar valor econômico.

Finalmente, o quarto aspecto é a prestação de contas dos servos para com o senhor, quando este retornou de sua viagem ao estrangeiro. Cada servo aproximou-se do senhor apresentando o confronto entre a riqueza inicial recebida e o que conseguiu obter de retorno, e portanto, de aumento do que lhe foi confiado inicialmente. Fica claro, na parábola, a aprovação dos dois primeiros e a reprovação do terceiro servo. De certa forma, o moderno conceito de *accountability* (responsabilidade de prestação de contas perante a sociedade por atos que foram confiados aos administradores) e o de *disclosure* (evidenciação) vêm ao encontro desse aspecto. Isso porque que se trata, como no caso da moderna empresa, da apresentação dos resultados da gestão da mesma, mediante avaliação do desempenho gerencial através das demonstrações financeiras (Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado, Demonstração do Fluxo de Caixa etc.). Estas evidenciam (explicitam, revelam, demonstram) a situação patrimonial e financeira e o desempenho econômico e financeiro de um período em que foi confiada a gestão a administradores (Coelho & Lins, 2010), semelhante ao que ocorre na parábola. Com esses mecanismos, a sociedade como um todo é informada do desempenho da empresa (investidores, empregados etc.). Também o Conselho de Administração aprova ou não o desempenho gerencial dos administradores, mantendo-os ou não, mediante a confrontação entre a riqueza inicial entregue aos gestores e a riqueza final apurada ao final de um período de tempo, e o retorno obtido com os recursos disponíveis, para uma avaliação de desempenho gerencial que inclui a geração de valor econômico, conforme explicitado acima (Ross, Westerfield & Jaffe, 2002; Padoveze, 2010).

Chama a atenção para a extensão da parábola para a parte da prestação de contas, assim como, na forma já referida ao longo da presente nota, a aprovação dos que multiplicaram os talentos recebidos e a condenação do terceiro servo. Aos dois primeiros, consta referência de “entrarem no gozo com o seu senhor” e de receberem futuramente mais riqueza para administrarem. Ao terceiro servo, atemorizado, como mostra seu obscuro comentário sobre o senhor ser duro e de colher onde não semeou, coube a retirada do talento conferido inicialmente e transferido ao servo mais capaz; isto é, ao que inicialmente recebeu cinco talentos e conseguiu outros cinco com aplicações de recursos que geraram outro tanto da riqueza inicial.

Concluindo, parece interessante a presença de elementos da moderna teoria financeira na Parábola dos Talentos. Seu conteúdo sugere diversos aspectos, alguns dos quais foram explorados na presente nota. Do ponto de vista espiritual e religioso, a parábola claramente refere-se sobre o bom uso de nossa dotação inicial (não necessariamente representada por riqueza material), como nossa capacidade de amar ao próximo, capacidade criativa, de gerar alegria e bem estar onde vivermos. Sob a ótica religiosa e espiritual, no entanto, suspendemos o juízo. Do ponto de vista financeiro, há, como assinalado, o que destacar quanto à relação agente-principal, a relação com o risco, a noção de geração de valor econômico e, finalmente, a evidência e prestação de contas. Todos esses aspectos são importantes nas modernas finanças empresariais e também na Parábola dos Talentos.

Referências Bibliográficas

- BACKHOUSE, R. E. *História da economia mundial*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BIBLIA (a). Português. Bíblia Sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BIBLIA (b). Português. Bíblia Sagrada. Tradução: CNBB. 6. ed. rev. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007.
- COELHO, C. U. F.; LINS, L. S. *Teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2010.
- JENSEN, M. C.; MECKLING, W. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. *Journal of Financial Economics*, v. 3, 1976.
- LOPES DE SÁ, A.; LOPES DE SÁ, A. M. *Dicionário de Contabilidade*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- PADOVEZE, C. L. *Contabilidade gerencial*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PINDYCK, R.; RUBINFELD, D. *Microeconomia*. 8.ed. São Paulo: Pearson, 2013.
- ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JAFFE, J. F. *Administração financeira*. São Paulo: Atlas, 2002.

Recebido: 14/06/2014

Aprovado: 18/08/2014